



Serviço Público Federal
Ministério do Turismo
Secretaria Especial da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI)
Coordenação-Geral de Identificação e Registro (CGIR)
Divisão Técnica de Diversidade Linguística (DTDL)

PARECER TÉCNICO nº 16/2021/DTDL/CGIR/DPI

ASSUNTO: Análise Técnica do Dossiê da Língua Karitiana.

REFERÊNCIA: Proc. 01450.003440/2021-16 (Cf. Processo Matriz 01450.005999/2014-51: Projeto-piloto de Levantamento Regional da Situação Sociolinguística de 26 (vinte e seis) etnias indígenas de Rondônia - TED nº 04/2014 - Iphan/MPEG).

Brasília, 16 de dezembro de 2021.

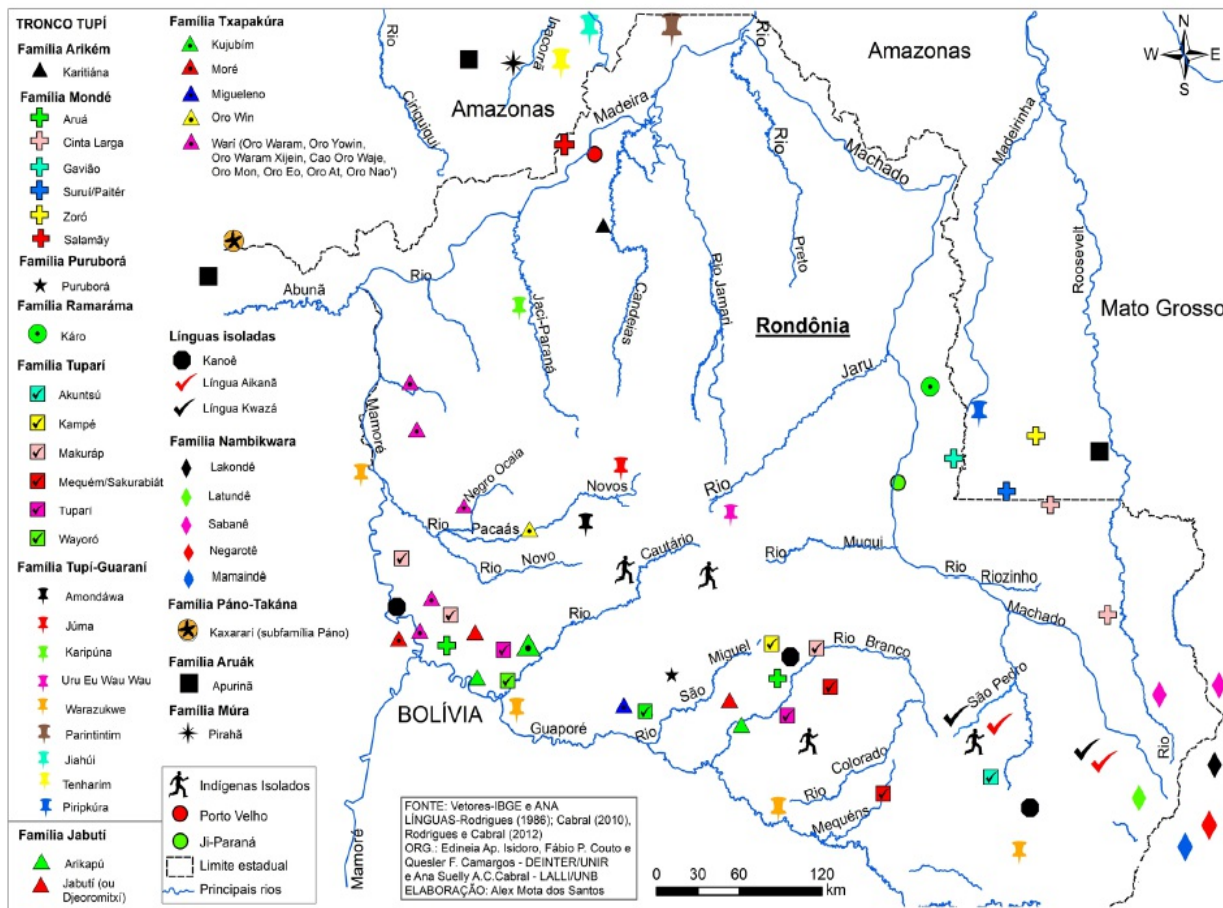
Senhor Chefe da Divisão Técnica de Diversidade Linguística,

Este parecer técnico trata da inclusão da língua indígena *Karitiana* no Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), cuja pesquisa e documentação fez parte do LEVANTAMENTO REGIONAL DA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE 26 (VINTE E SEIS) ETNIAS INDÍGENAS DA REGIÃO DE RONDÔNIA – projeto apoiado pelo IPHAN e realizado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), vinculado ao MCTI, cujos objetivos principais foram os seguintes:

Levantar a situação da língua nativa de 26 (etnias) etnias do Estado de Rondônia, investigando os parâmetros reconhecidos para diagnosticar o grau de ameaça de cada, por exemplo, número de falantes e semifalantes, grau de transmissão da língua, grau de manutenção de arte verbal tradicional, alfabetização na língua indígena e medidas e programas de apoio;

- I - Obter as informações necessárias para a patrimonialização de cada língua, por exemplo, os nomes da língua, sua história e suas relações genéticas com outras línguas e dialetos;
- II - Produzir e documentar a anuência informada de cada etnia para o reconhecimento da sua língua como Referência Cultural Brasileira;
- III - Documentar minimamente cada língua e dialeto por meio de gravação;
- IV - Mobilizar cada etnia a manter e promover as suas línguas, fornecendo ideias e capacitação para isso;
- V - Contribuir para o aperfeiçoamento de metodologias para levantar a situação de línguas indígenas de uma região, gerando subsídios para levantamentos futuros do Inventário Nacional de Diversidade Linguística (INDL);
- VI - Gerar experiências de referência no uso de novas tecnologias para documentação e identificação de línguas para serem disponibilizadas no âmbito do INDL.

Esta Divisão Técnica elaborou uma síntese sobre o referido Levantamento Sociolinguístico por meio da NOTA TÉCNICA nº 11/2021/DTDL/CGIR/DPI (SEI nº 3081578) para que se tenha informações adicionais sobre o projeto de modo que se mantenha em perspectiva a dimensão da iniciativa de escala regional, pluriétnica e multilinguística.



Fonte: Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara et al. In: Revista Brasileira de Linguística Antropológica, v. 10 nº 1. Publicado em 31/07/2018.

Documentos analisados:

- Pasta "Termo de Compromisso e Anuência Karitiana (SEI nº 3080830);
- Pasta "Dossiê da Língua Karitiana - Dados da Língua (SEI nº 3081010);
- Pasta: Áudio CD com músicas Karitiana: Yjkii (SEI nº 3081035);
- Pasta: Formulário INDL (06 Módulos), 09 Mapas e 03 Croquis (SEI nº 3081146);
- Pasta: Fotografia 54 imagens do povo Karitiana (SEI nº 3081174);
- Pasta: Livro Referências Bibliográficas (04 obras) (SEI nº 3081202);
- Pasta: Vídeos Usos da Língua - Entrevista (Prioridades) (SEI nº 3081537);
- Nota Técnica nº 11/2021/DTDL/CGIR/DPI (SEI nº 3081578);
- Nota Técnica nº 8 DPGU/DNDH, de 14 de setembro de 2021 (SEI nº 3185403).

Documentos consultados:

- Guias de Pesquisa e Documentação para o INDL. Volumes 1, 2 e Suplemento Metodológico (versão digital). Iphan, 2016;
- Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010, que institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística e dá outras providências;
- Nota Técnica nº 8 - PU/DNDH, de 14 de setembro de 2021 (SEI nº 3185403);
- Nota Técnica nº 11/2021/DTDL/CGIR/DPI, de 03 de novembro de 2021 (SEI nº 3081578);

v. VELDEN, Felipe Ferreira Vander. Os Tupi em Rondônia: diversidade, estado do conhecimento e propostas de investigação. Revista Brasileira de Linguística Antropológica. Vol. 2, nº 01, 2010;

vi. RODRIGUES, Aryon Dall'igna. A originalidade das línguas indígenas brasileiras. 1999. Texto republicado na Revista Brasileira de Linguística Antropológica. Vol. 8, nº 02, 2016;

vii. LEÃO, Auxiliadora Cruz de Sá et al. Diagnóstico Final e Potenciais Interferências nas Terras Indígenas Karitiana, Karipuna, Lage, Ribeirão e Uru-Eu-Wau-Wau. Estudo Socioeconômico sobre as Terras e Povos Indígenas situados na Área de Influência dos Empreendimentos do Rio Madeira (UHES Jirau e Santo Antônio). Brasília, Março de 2005;

viii. ARAÚJO, Íris Morais. Osikirip: os “especiais” caritiana e a noção de pessoas ameríndia. MR 10 – Deficiências, direitos humanos e etnografia. 39º Encontro Anual da Anpocs – 2015.

I. Histórico do povo Karitiana:



Maloca tradicional Karitiana

Fonte: LEÃO, Auxiliadora Cruz de Sá et al. Diagnóstico Final e Potenciais Interferências nas Terras Indígenas Karitiana, Karipuna, Lage, Ribeirão e Uru-Eu-Wau-Wau. Estudo Socioeconômico sobre as Terras e Povos Indígenas situados na Área de Influência dos Empreendimentos do Rio Madeira (UHES Jirau e Santo Antônio). Brasília, Março de 2005. Pág. 55.

Segundo registros históricos, a ocupação no Estado de Rondônia pelos não índios sempre foi motivada por interesses econômicos. O primeiro fluxo migratório ocorreu no Século XVII em busca de mão de obra indígena escrava. Já o segundo movimento se deu no Século XVIII quando inicia o ciclo do ouro e, ao final deste século, começa o ciclo da borracha até as décadas de 10 e 20 do Século XX.

"No entanto, somente no princípio do século XX temos as primeiras referências sobre os Karitiana, através dos relatos da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, mais conhecida como **Comissão Rondon**.

Em 1909, o capitão Manoel Theophilo da Costa Pinheiro deu início a exploração do rio Jacy Paraná e descreveu os habitantes desse tributário do Madeira.

'As tribus que habitam nas margens do Jacy, pelas informações que tomei, são em numero de três: - a dos caripunas, caritianas e canga-pirangas.'" (Processo FUNAI/BSB nº 2508/84).'"

Fonte: idem. Pág. 57. Grifos Nossos.

Após a Segunda Guerra Mundial, houve uma revalorização da borracha e da exploração mineral, cassiterita e ouro na Região Amazônica, reaquecendo o fluxo migratório e, por consequência, os conflitos com dezenas de povos indígenas por conta da ocupação do solo.

Além dos combates, as epidemias trazidas “*pelas mãos dos brancos*” ocasionaram a morte de milhares de indígenas. Em seguida, os projetos de colonização passam a integrar os projetos governamentais a partir da década de 40; nos anos 60, por incentivo do Polonoroeste (Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil), financiado pelo Banco Mundial, começa a abertura da BR-364.

O traçado da rodovia federal tornou-se o eixo de grandes projetos de colonização do governo nos anos 70 que estimulou a migração de milhares de agricultores do sul e do sudeste brasileiros, que deslocou para a região norte os impasses políticos geradores dos conflitos agrários.

No caso particular dos Karitiana, eles constituem um dos muitos grupos do estado de Rondônia ainda estudados pela Antropologia. Até os anos quarenta, ainda havia pouca documentação que os citasse. Indicações sobre o seu território só foram organizadas a partir da criação da 9ª Inspeção Regional do Serviço de Proteção aos Índios (SPI-ININD 9) e de Postos de Atração no Território do Guaporé, atual estado de Rondônia.

Entre os anos quarenta e setenta, após consulta a documentos e a relatos de missionários salesianos, há a indicação de que a região do médio rio Candeias, rio Jamari e afluentes e rio Banco são integrantes do território Karitiana.

"De acordo com a história oral, a maior parte dos Karitiana que se encontram na TI Karitiana tem o seu território tradicional no espaço compreendido pelo rio Candeias e afluentes (rio Preto do Candeias, Igarapés Preto e Tapagem). Em tempos que não nos foi possível precisar, houve uma cisão e parte do grupo se deslocou para a região do rio das Garças ou, talvez, para o Jaci Paraná, local citado por Rondon quando do ataque a expedição de 1909.

Os Karitiana colocam que eles (povo do rio Candeias) nunca mataram os seringueiros, mas os 'Capivari' sim: 'Capivari é o mesmo Karitiana. O chefe se chamava Joari – Ó'arco na língua indígena – e eles vieram para cá (Garças) fugidos. Estavam em contato com os seringueiros. Joari morreu e ficou o Joaquim. O povo do Capivari estava acabando. Não tinham mulheres. Povo do Joaquim matou seringueiro chamado peruano" (Valdemar Karitiana)."

Fonte: *ibidem*. Pág. 58

Hoje, porém, os Karitiana são os únicos representantes da família linguística Arikém, que também eram faladas pelos povos já extintos Arikém, Kabishiana (Rodrigues, 1986, apud LEÃO et al, 2005, pág. 55) e os seus inimigos mortais, os Caripuna (Hugo, 1959:259/261, apud LEÃO et al, 2005, Pág. 58).

Após sucessivos conflitos para defesa do território contra a invasão dos seringueiros, a Terra Indígena Karitiana teve seus limites homologados, em um primeiro momento, pelo Decreto nº 93.068 de 07 de agosto de 1986, da Presidência da República, perfazendo uma superfície de 90.106,37 ha e perímetro de 124 Km (LEÃO et al, 2005, Pág. 65). Entretanto, em 2002 a FUNAI instituiu, por meio da Portaria nº 1.241/PRES, de 29 de novembro, novo Grupo Técnico para realização dos trabalhos de revisão dos limites da terra indígena conforme o Decreto nº 1.775, de 1996.

Apesar da FUNAI ainda não ter concluído e publicado os estudos para a revisão de limites da terra indígena, é importante enfatizar que os Karitiana reivindicam um acréscimo à área demarcada, a norte e a leste, incluindo a margem direita do rio Candeias até o Igarapé Tapagem. **Parte da área reivindicada, a leste, compõe a Floresta Nacional do Bom Futuro (FLONA Bom Futuro), portanto, terra da união administrada pelo IBAMA.** (Fonte: *ibidem*, Pág. 66) g.n.

Essa situação é de extrema gravidade (vide as discussões na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados para consolidação em lei da tese do marco temporal, cuja grande repercussão do assunto está sob a análise do STF), e várias organizações da sociedade civil têm acompanhado o tema (com destaque para a Kanindé e o Instituto Socioambiental (ISA)), pois o grande lobby dos madeireiros pressionam o Congresso Nacional, que por sua vez já apresentou um anteprojeto de lei para redução da Unidade de Conservação da FLONA de Bom Futuro (RO) e, como consequência, poderá impactar os limites da Terra Indígena Karitiana.

Por fim, com base em informações do Instituto Social Ambiental (ISA), no momento a Terra Indígena Karitiana está livre de invasões. Ao contrário de um passado recente onde foi alvo da exploração madeireira e mineral (cassiterita). Contudo, fazendas de gado cercam os limites setentrionais da área, mas o perímetro restante é integralmente preservado. (Vide o tópico "A terra indígena e a aldeia" na página do Instituto Socioambiental (ISA) disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karitiana>).

II. Sobre a caracterização atual da comunidade linguística dos Karitiana:

Conforme dados de pesquisa realizada pelo Instituto Socioambiental (ISA) e disponibilizados ao público geral, não se conhece a origem ou etimologia da palavra "Karitiana". Os índios afirmam que esse nome lhes foi atribuído pelos seringueiros entre o final do Século XIX e o início do XX. Outros heterônimos dados conhecidos dos Karitiana são: *Yjka*, *Caritiana* e *Arikém* (Módulo 4, Item 1, Pág. 29).

Quanto às autodenominações contidas nos Formulários do Guia INDL (Módulo 4 – Identificação e Caracterização de Referência; 1 – Denominações), os Karitiana se autodenominam como "Yjka" e "Byjyty Osop Aky":

Autodenominações:

YJXA: "*gente verdadeira*"; "*nossa gente verdadeira*" (Módulo 4, Item 1, Pág. 29);

BYJYTY OSOP AKY: Cabelo do Neto de *Botyj* ("*Deus*"). Esta última denominação foi atribuída pelos habitantes da Aldeia Rio Candeias (Módulo 4, Item 1, Pág. 29).

"É a saga de **Byjyty** [Grande Chefe], neto de Botj, **o ser humano primordial**, que permite compreender o sentido desse enunciado." (Pág. 16)

Fonte: ARAÚJO, Íris Morais. Osikirip: os "especiais" caritiana e a noção de pessoas ameríndia. MR 10 – Deficiências, direitos humanos e etnografia. 39º Encontro Anual da Anpocs – 2015. Pág. 16. G.N.

Hoje, os Karitiana vivem subdivididos em 05 (cinco) aldeias e possuem uma Terra Indígena Karitiana (TIK ou TIKtn): Aldeia Central ou Kyōwā (literalmente "*boca [sorriso] de criança*", "*pois a aldeia é bonitinha como sorriso de criança*" (para maiores detalhes, vide o Portal do Instituto Socioambiental)), Aldeia Rio Candeias ou Byjyty osop aky, Aldeia Juarí e Aldeia Caracol.

A população total das aldeias, a depender da fonte, varia entre 333 (ISA), 388, 396 (números divergentes encontrados no INDL), mas nunca todos os registros mais recentes nunca ultrapassam o teto de 400 (quatrocentos) falantes da língua de referência.

Além da população aldeada, há cerca de 100 (cem) Karitiana vivendo em áreas urbanas (Porto Velho - a maioria, Cacoal, Alta Floresta - e 03 (três) pessoas vivendo no Rio Grande do Norte) e áreas indígenas de outras etnias (Cinta-Larga e Suruí). A língua tem um papel muito forte na identidade deles, por isso eles buscam sempre preservá-la.

Um fato social marcante no grupo Karitiana, devidamente registrado por Felipe Vander Velder em um estudo para o ISA, e também destacado neste INDL é o seguinte:

(...) é impossível abordar a organização social dos Karitianas sem antes caracterizar a cisão religiosa do grupo.

O autor relata que o trabalho de conversão religiosa (evangélica) teve resultados apenas parciais: a comunidade é dividida em dois grupos distintos, um identificado como "povo do pajé (xamã)" e o outro "povo do pastor" ou "crentes".

"Os Karitiana enfatizam o pouco rendimento sociológico desta oposição, dizendo que "são os 'espíritos' – Jesus, entre os "crentes" e Itamama, para os "do pajé" – que não se gostam", e que na vida cotidiana as pessoas relacionam-se normalmente: casam-se, trabalham, divertem-se.

Entretanto, esta oposição, expressa no nível do sobrenatural, se indica uma diferenciação notável no universo simbólico, também não deixa de apontar implicações sociológicas e políticas importantes. (Vander Velden) (g.n.)

(...)

"Assim sendo, é forçoso constatar que a cisão religiosa recobre um conflito político significativo, que opõe as principais lideranças Karitiana; ou, em outras palavras, o conflito é expresso na linguagem da religião. Os desdobramentos mais recentes deste confronto podem ser rastreados na tentativa, por parte do xamã, de construir uma nova aldeia (tentativa frustrada, como vimos no item A Terra Indígena e a aldeia).

Ainda que muitas famílias manifestassem desejo de visitar ou passar algum tempo neste novo local, apenas aquelas ligadas ao xamã – ou seja, o "povo do pajé" – falava, abertamente, em deixar, permanentemente, a aldeia atual." (Vander Velden)

"Lados", porque a cisão também toma forma, nas referências dos próprios índios, de uma oposição geográfica: os "de cá" contra os "do lado de lá". As famílias "do pajé" residem, sobretudo, na porção mais central da margem direita do igarapé: as casas formam um núcleo integrado em torno da moradia do xamã.

As famílias do “pastor” distribuem-se, em sua maioria, na margem esquerda e nas extremidades da direita. Digno de nota é o fato de que, na margem esquerda, avizinham-se das estruturas instaladas pelos brancos; ali, também, está o pátio das reuniões comunitárias. *As três “igrejas” – “casas de Deus” –, do mesmo modo, situam-se nas extremidades da aldeia: duas na margem direita e uma na esquerda. Tem-se, portanto, um núcleo “central”, ocupado pelo xamã, circundado pelas áreas periféricas onde estão os pastores.* (Vander Velden)

Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/karitiana/390> apud INDL Língua Karitiana. Item Módulo 2. Item 2. Subitem 2.2.1. (SEI nº 3081146). Págs. 22 e 23.

III. Sobre a língua Karitiana:

O dossiê foi elaborado pelos linguistas Luciana Storto (professora do Departamento de Linguística da USP) e Ivan Rocha (à época pós-doutorando na SUP) durante o período de execução do Levantamento em viagens realizadas no mês de julho de 2016 e no mês de outubro de 2017 para a coleta dos dados.

Para conclusão do dossiê, é importante que destaquemos o relato dos pesquisados, conforme registro contido na Nota Técnica nº 11/2021/DTDL/CGIR/DPI (SEI nº 3081578) *“in verbis”*:

"Na primeira viagem, as dificuldades enfrentadas foram de dois tipos: (1) aquelas de âmbito formal, que foram as negociações com as lideranças indígenas para a aceitação e a emissão da anuência para participar do projeto; e (2) aquelas de âmbitos práticos e de logística, uma vez que eles estão em uma dinâmica migratória entre as 05 (cinco) aldeias e a cidade.

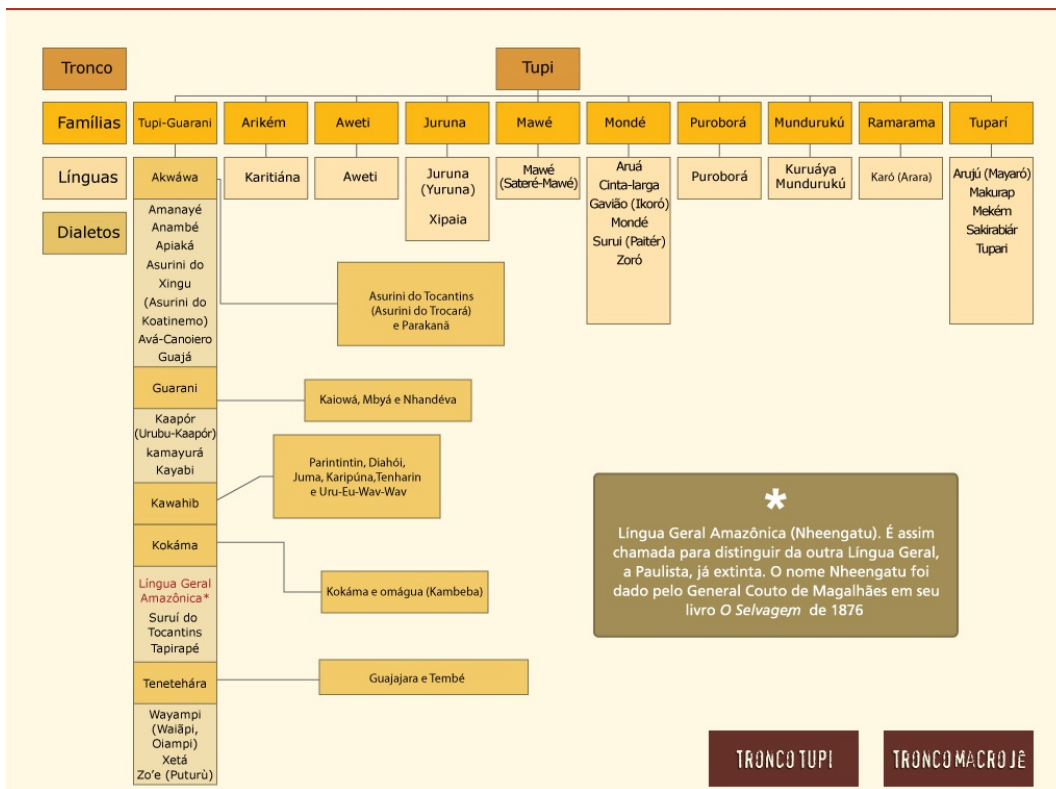
Um exemplo de dificuldade foi o fato de as mesmas pessoas serem declaradas em diferentes aldeias e/ou na cidade, o que nos levou a ter de visitar mais aldeias além da Central; no caso, visitamos 03 (três) (Central, Rio Candeias e Bom Samaritano) das 05 (cinco) aldeias, além da Casa do Índio em Porto Velho. Não foi possível visitar as outras duas aldeias (Juarí e Caracol) pela dificuldade de transporte e limite do orçamento.

Na segunda viagem, as dificuldades enfrentadas foram de acesso às aldeias visitadas, já que Caracol fica numa área nova em que a estrada foi feita recentemente, com bastantes obstáculos; O acesso à aldeia Juarí apresenta outras dificuldades, visto que se tem de acessá-la através de fazendas que ficam no entorno da área da aldeia.

Devido à ausência dos líderes, não foi possível realizar as atividades porque as pessoas que estavam na aldeia não sabiam ler (as autorizações apresentadas pelo pesquisador); além disso, os líderes não deixaram informações conforme havia sido combinado.

Assim, o levantamento do Juarí foi realizado na cidade de Porto Velho com o Cacique da aldeia Juarí, Daniel, em Porto Velho no mesmo dia em que foi realizada a viagem."

Apesar das limitações logísticas apresentadas, o diagnóstico sociolinguístico conseguiu auferir a quantidade de habitantes todos os domicílios de cada uma das aldeias Karitiana. Àquelas não visitadas, foi de grande valia os dados secundários obtidos por uma lista com os nomes dos indígenas fornecida pelos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (Dsei), unidade gestora descentralizada do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SasiSUS) que, por sua vez, integra a estrutura da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), do Ministério da Saúde (MS). (Vide INDL, Módulo 1, Item 5, Subitem 5.1, Págs. 6 e 7).



Quadro das Línguas Indígenas Brasileiras

Fonte: <http://www.ccms.saude.gov.br/saudeindigena/quemsaoeles/linguasindigenas.html>

Quanto à análise dos principais elementos estruturais entre as línguas comparadas (Módulo 4 – Identificação e Caracterização da Língua de Referência; Seção 5 – Língua e Variedades; 5.2 – Caracterização das línguas e variedades identificadas, Pág. 32), no que concerne às línguas identificadas como uma “*Mesma Língua*” em relação à língua Karitiana, os pesquisadores não identificaram variedades dialetais dentro da língua como, por exemplo, a fonologia segmental, a prosódia, o léxico, a morfologia e a sintaxe.

Contudo, a pesquisa aponta que há variação quanto a aspectos da pronúncia conforme a idade. Ressalta-se que a linguista Luciana Storto registrou a solicitação dos Karitiana para reelaboração da ortografia devido a problemas nas representações gráficas.

Com relação aos recursos documentais “na” língua de referência, a produção bibliográfica apresentada foi o “*Livro de Lucas do Novo Testamento em Karitiano*”, “*Histórias Karitianas*” (capítulo específico de material do Projeto Açaí para Formação de Educadores Interculturais Indígenas) e a obra “*Histórias do povo Karitiana contadas por Cizino Dantas Karitiana*”. (Vide Pasta “*Livro Referências Bibliográficas (trechos ou versões integrais de 04 obras)*” em SEI nº 3081202).

Já a produção bibliográfica “sobre” a língua abarca uma quantidade considerável de obras de relevo (104 [centro e quatro] produções mencionadas), com destaques para os trabalhos científicos da linguista Luciana Storto e do antropólogo Felipe Ferreira Vander Velden.

Por sua vez, a produção em áudio e vídeo “na” e também “sobre” a língua consiste em 01 (um) CD com o título “Yjki” com gravações de canções Karitianas e 05 (cinco) vídeos hospedados na plataforma Youtube relacionados no INDL (Módulo 4, Item 7, Subitem 7.2 “b” (Pág. 42))

É importante frisar que na comunidade linguística há cópias dos materiais acadêmicos disponibilizados pelos linguistas da USP, além de manuscritos de material didático, de produção bibliográfica “na” língua de referência e de textos de história oral gravados e transcritos por Luciana Storto. (Módulo 4, Item 7, Subitem 7.3 (Pág. 44)).

IV. Diagnóstico Sociolinguístico:

De modo a sintetizar as informações obtidas no inventário básico do povo Karitiana registrados no Formulário INDL, organizamos os dados que representam as múltiplas variáveis sociolinguísticas para as localidades de ocorrência da língua, conforme

recomendação do **Volume 2 do Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL: (Parte 2, Item 1, Subitem 1.4)**

Assim, os dados sociolinguísticos a ser apresentados, alternadas entre gráficos de pizza e tabelas, obedeceram à sequência escolhida pelos pesquisadores para os registros: número de falantes da língua de referência; em seguida, foram estimados o número de monolíngues e bilíngues.

Logo depois, veremos as seguintes tabulações do levantamento demográfico: **tipos de falantes para cada faixa etária em números absolutos e porcentagem; os tipos de falantes para cada faixa etária em números absolutos e porcentagem** em cada uma das **05 (cinco) aldeias e, por fim, o nível de proficiência em escrita e leitura dos Karitiana.**

Antes, deve-se destacar que o escopo do inventário foi básico (Módulo 1, Item 3, Pág. 2), o que limita o diagnóstico sociolinguístico pois este contém várias questões respondidas somente por inventários amplos por demandar aplicação extensiva e intensiva de técnicas de pesquisa como o levantamento demográfico. (Módulo 5, Item 1, Pág. 53).

Quanto aos principais falantes de referência, foram identificadas 13 (treze) pessoas, sendo 10 (dez) professores de educação intercultural; Por sua vez, os especialistas e demais pessoas envolvidas em pesquisa e ações voltadas para a língua Karitiana perfazem 08 (seis) pessoas, sendo 05 (cinco) linguistas (Luciana Storto, Ana Müller, Ivan Rocha, Karin Vivanco e Luciana Sanchez Mendes) e 03 (três) antropólogos (Felipe Ferreira Vander Velden, Íris Morais Araújo e Andréia Carvalho Mendes de Oliveira Castro).

Quanto à presença da língua de referência nas instituições oficiais, todas as Escolas Estaduais das 05 (cinco) Aldeias possuem no currículo escolar as disciplinas de ensino da língua materna e cultura, literatura e arte Karitiana.

Quanto aos demais serviços públicos oferecidos, há alguns agentes de saúde e enfermeiros que são falantes nativos Karitiana.

A pesquisa identificou 06 (seis) instituições que atuam na Terra Indígena Karitiana: Associação Indígena Karitiana "Akot Pytim'adnat, a Secretaria de Educação de Rondônia em parceria com a Universidade Federal de Rondônia (UNIR) na execução de projetos na educação básica e no Projeto Açaí, cujo objeto é formação de educadores interculturais indígenas, e o CIMI de Porto Velho (Módulo 4, Item 9, Subitem 9.3, Págs. 50 e 51).

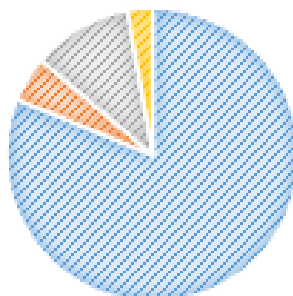
Em consulta ao Portal das Terras Indígenas no Brasil, sob a gestão do Instituto Socioambiental (ISA), atuam na TIK a Associação Aldeia Caracol "Índios Karitianas", a Associação das Guerreiras Indígenas de Rondônia (AGIR) e a Organização dos Povos Indígenas de Rondônia, Noroeste do Mato Grosso e Sul do Amazonas (OPIROMA), o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e a Junta das Missões de Convenção Batista Nacional.

Com relação às organizações que representam ameaça para a língua e a cultura da comunidade linguística, alguns grupos evangélicos contesta as práticas como a pajelança em suas atuações missionárias. Inclusive algumas cisões entre as tribos ocorrem por conta de divergências entre a prática do cristianismo e o xamanismo dos pajés. Na Terra Indígena Karitiana estão consolidadas 03 (três) igrejas na Aldeia Central, 01 (uma) na Aldeia Bom Samaritano e 01 (uma) na Aldeia Juarí. (Módulo 2, Item 2, Subitem 2.2.1, Págs. 22 e 23 e Módulo 4, Item 9, Subitem 9.4, Págs. 51 e 52).

O Diagnóstico Sociolinguístico (Módulo 5) dos Formulários do INDL projeta uma comunidade linguística da etnia Karitiana de 399 (trezentos e noventa e nove) indivíduos, sendo que 324 (trezentos e vinte e quatro) são considerados indivíduos proficientes, 20 (vinte) são falantes parciais, 44 (quarenta e quatro) não são falantes da língua originária e 11 (onze) não quiseram participara da pesquisa.

1.1 NÚMERO DE FALANTES DA LÍNGUA KARITIANA

■ Número de falantes ■ Número de falantes parciais
■ Número de não falantes ■ Não Declarado



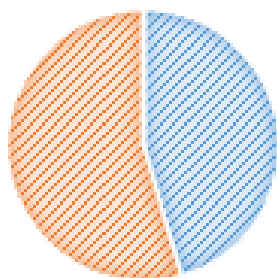
Dados: Falantes (Azul): 324 pessoas; Falantes Parciais (Alaranjado): 20 pessoas, Não Falantes (Cinza): 44 pessoas e Não Declarado (Amarelo): 11 pessoas.

Seguem demais dados encontrados no levantamento sociolinguístico nas aldeias Karitiana:

Estimativa de **indivíduos monolíngues** na comunidade linguística (Módulo 5, Item 1, Subitem 1.2):

1.2 ESTIMATIVA DE INDIVÍDUOS MONOLÍNGUES NA COMUNIDADE LINGUÍSTICA

■ Na língua de referência ■ Em português ■ Nas demais línguas faladas no território

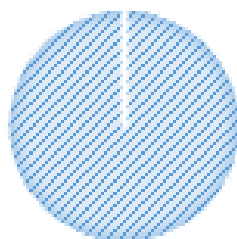


Dados: Monolíngues em Português (Alaranjado): 60 pessoas; Monolíngues na língua de referência (Azul): 50 pessoas; Monolíngues nas demais línguas faladas no território (Cinza): Nenhum.

Estimativa de **indivíduos bilíngues** na comunidade linguística (Módulo 5, Item 1, Subitem 1.3):

1.3 ESTIMATIVA DE INDIVÍDUOS BILÍNGUES NA COMUNIDADE LINGÜÍSTICA

- Quantos também falam português?
- Quantos também falam uma outra língua? Informe a língua.



Dados: Quantos também falam Português? (Azul): 283 pessoas; Quantos também falam uma outra língua? (Alaranjado): Nenhum.

Quanto à caracterização de situações de plurilinguismo (Módulo 5, Item 1, Subitem 1.4), não foram identificados na comunidade linguística indivíduos que falam 03 (três) ou mais línguas.

Já com relação à forma de aquisição da língua, o Karitiana é comumente aprendido como primeira língua (L1) e o Português como a segunda opção (L2) como uma *língua franca* para contato com outros povos indígenas e como os não indígenas (Módulo 5, Item 7, Subitem 7.2, Pág. 64).

Sendo, assim, uma grata exceção em comparação com outros povos indígenas, a Língua de Referência e o Português são as línguas de alfabetização, ou seja, a língua Karitiana também é usada na instrução escolar, além de constituir uma disciplina específica desde a pré-escola até o terceiro ano do Ensino Médio, conforme o padrão de regularidade das demais disciplinas obrigatórias que compõem o currículo escolar da Secretaria de Educação do Estado de Rondônia.

“Nas aldeias, quase a totalidade da população usa Karitiana em casa, na roça, nos cultos evangélicos, orações, reuniões, escola. Quando estão na cidade, os jovens se comunicam em Karitiana e/ou português nas redes sociais como Facebook e Whatsapp.” (Módulo 5, Item 5, Subitem 5.2, Pág. 60)

Para auxiliar na compreensão desse tema, segue a coleta de dados referentes à **taxa de transmissão por tipos de falantes para cada faixa etária em números absolutos e porcentagem** (Modelo 5, Item 3, Subitem 3.1):

	LÍNGUA KARITIANA: TAXA DE TRANSMISSÃO					
	Falantes Fluente		Falantes com proficiência parcial		Não falantes	
	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual
Infância 0-12	80	20,00%	7	2,00%	10	2,50%
Juventude 13-25	80	20,00%	18	4,50%	13	3,20%
Adulta I 26-40	69	16,00%	6	1,50%	3	0,75%
Adulta II 41-60	35	9,00%	2	0,50%	2	0,50%
Idoso +60	17	4,00%	1	0,25%	0	0,00%



Dados: **Total de falantes por Faixa Etária** - Infância 0-12: 87 falantes; Juventude 13-25: 98 falantes; Adulta I 26-40: 75 falantes; Adulta II 41-60: 22 falantes; Idoso +60: 18 falantes.

A língua Karitiana foi caracterizada, com relação ao grau de transmissão (Módulo 5, Item 3, Subitem 3.2) e à dinâmica dos usos sociais, **estável**; por conseguinte, o grau de vitalidade correspondente é **forte (Módulo 6, Item 2, Subitem 2.1)**, devido ao largo emprego da língua Karitiana no modo oral entre os falantes em todas as situações cotidianas, exceto quando não há falantes (Módulo 5, Item 5, Subitem 5.1, Pág. 61).

Entretanto, foi constatada que os usos linguísticos especiais, como a contação de histórias sobre os mitos de origem, relatos históricos e fábulas hoje está apenas a cargo apenas do Pajé Cizino Morais Karitiana.

Poucas pessoas conhecem esse tipo especial de uso, com uma frequência menor do que a prática de antigamente e **sem a transmissão** para a nova geração.

"Atualmente, há apenas 02 (duas) pessoas que sabem contar histórias tradicionais: o pajé Cizino Morais Karitiana (Aldeia Rio Candeias) e Waldemar Ferreira (Central).

Este último não tem contado histórias pois, segundo informações de pessoas-chave, ele tornou-se funcionário do serviço de saúde.

No contexto atual, apenas Cizino pratica a contação de história para os membros de sua comunidade. Ressalta-se que apenas 38 dos 396 Karitianas tem contato com essa prática de uso especial da língua, uma vez que a aldeia Rio Candeias está distante das demais e o acesso a transporte é relativamente difícil." (g.n.)

(Fonte: Módulo 5, Item 5, Subitem 5.4.2, Pág. 62)

Além disso, o estado de vitalidade da língua pode começar a ficar vulnerável "pelo fato de a população estar em uma **dinâmica migratória para a cidade**, subdividindo-se em pequenas aldeias e pelo forte contato com o português e ter baixo número de falantes (nos centros urbanos)." (g.n.) (Módulo 6, Item 2, Subitem 2.2, Pág. 67)

Por sua vez, o levantamento ortográfico revelou 02 (dois) modelos de grafias existentes (Módulo 5, Item 4, Subitens 4.1.1. e 4.1.2): Há a **Ortografia Atual**, elaborada pela linguística Luciana Storto, que é utilizada e difundida na comunidade por meio da alfabetização realizada pelos professores das escolas bilíngues.

Essa grafia consta nos materiais didáticos, na transcrição da história oral e já é utilizada por alguns Karitiana nas mídias sociais.

Consta também a **Ortografia Fonêmica** elabora por David Landim, restrita para uso religioso por um dos grupos evangélicos na leitura do Novo Testamento. Existe um dicionário nesta ortografia, mas não é usado pela comunidade linguística.

Ressalta-se que a atual ortografia também tem sido criticada pela comunidade linguística por razão de terem optado à época, sem consulta aos falantes, pelo registro gráfico baseado no dialeto/ídioteo dos mais velhos, conforme se constata abaixo:

*"Note que, como há **variação dialetal/ídioteal** com relação aos **alofones das consoantes nasais**, escolhas entre dialetos teriam que ser feitas por qualquer ortografia. Os Karitiana discutiram e votaram que escolheriam as formas mais antigas das palavras para registro na*

língua escrita; assim, formas com parcial nasalização foram escolhidas sobre formas totalmente oralizadas (*ambi* e *não abi*), e mesmo formas arcaicas de algumas palavras serão usadas (...), pois esta é a forma antiga da palavra).

Ainda está para ser decidida a forma final da ortografia, mas a proposta acima já foi votada e aprovada, tendo ficado para se decidir que formas das consoantes nasais se utilizará para cada palavra (a forma "mais antiga" de cada palavra será determinada não apenas do ponto de vista linguístico, mas levaremos em consideração o idioleto dos membros mais velhos e respeitados da comunidade).

Note que mesmo uma ortografia fonêmica como a de Landin teria que decidir entre diferentes formas de uma mesma palavra (*lami*! ou *lâmi*!). A grande vantagem da atual ortografia sobre a proposta por Landin é uma drástica redução no número de diacríticos usados, uma vez que, ao invés de marcarmos quais (são) as vogais intrinsecamente nasais com um til, apresentamos nas consoantes nasais (através das consoantes *b, d, g*) sua adjacência a vogais orais." (g.n.) (Storto 1996)

Fonte: Formulário INDL, Módulo 5, Item 4, Subitem 4.1.3.,(SEI nº 3081146), Pág. 58

O registro escrito existe há menos de 25 (vinte e cinco) anos na comunidade e ainda não foi incorporada como uma tradição entre os Karitiana de produção de textos escritos em diferentes gêneros discursivos.

Contudo, "há um caso de um Karitiana que escreve textos poéticos e narrativos na língua.

Existem trocas de mensagens de textos em mídias sociais; alguns textos em cadernos de escolas, cartas.

Atualmente eles estão elaborando uma cartilha de alfabetização na própria língua. Contudo, não se pode dizer que há um uso extenso de textos escritos na língua." (Módulo 5, Item 4, Subitem 4.2, Pág. 58).

A paisagem linguística da língua de referência consiste em inscrições em cemitérios, muros, edifícios, paredes, rochas, árvores etc.



Paisagem linguística da língua Karitiana: espaço escolar. Fonte: pasta: "Referencias" (SEI nº 3081202).

Apresentamos o nível de proficiência em escrita e leitura dos Karitiana (Módulo 5, Item 4, Subitem 4.4):

Língua Karitiana				
Nível de proficiência	Leitura		Escrita	
	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade
Pleno	151	38,92%	151	38,92%
Parcial	79	20,36%	74	19,07%
Nulo	153	39,43%	157	20,62%
OBS.:				

Português				
Nível de proficiência	Leitura		Escrita	
	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade
Pleno	204	52,58%	207	53,35%
Parcial	88	22,68%	85	21,91%
Nulo	92	23,71%	92	23,71%
OBS.:				

Nas aldeias, quase a totalidade da população usa Karitiana em casa, na roça, nos cultos evangélicos, nas orações, nas reuniões e na escola. Quando estão na cidade, os jovens se comunicam em Karitiana e/ou Português nas redes sociais como Facebook e WhatsApp.

Isso demonstra que o grau de atitudes dos falantes com relação à língua de referência é **positiva**, pois a comunidade considera a língua como um valor sociocultural e gostaria de vê-la sendo transmitida para as novas gerações.

No que tange as propostas da comunidade para a salvaguarda da língua, relacionamos as demandas conforme o nível de prioridade (Módulo 6, Item 1, Subitem 1.2):

PRIORIDADE ALTA (Vide a pasta "Videos"/"INDL-KTN-Prioridades.mp4" (SEI nº 3081537)):

- Gravação das histórias tradicionais em vídeos, áudio e texto, fotografia etc;
- Confecção de materiais didáticos na língua;
- Documentação escrita da língua: dicionários, coletâneas de histórias, etc.
- Treinamento em Documentação digital;
- Aquisição de equipamentos para gravação de áudio e vídeo;
- Documentação digital da língua e cultura verbal por meio de gravações de áudio e de vídeo, com cópias para o uso da comunidade;
- Reconhecimento da língua Karitiana como referência cultural;
- Oficialização da língua;
- Apoio para festas e outras práticas tradicionais que usam a língua;
- Assessoria para resolver problemas de ortografia;
- Correção de materiais didáticos existentes e aumento de sua quantidade.

Com isso, após a constatação de que a comunidade está articulada em prol de demandas voltadas para a área educacional, considera-se que o grau de vitalidade da língua Karitiana é **forte**, (Módulo 6; Item 2; Subitem 2.1), pois apresenta taxa de transmissão e dinâmica dos usos sociais da língua **estáveis**, em que pese a ausência de transmissão dos usos especiais da língua e o crescente fluxo migratório dos jovens para os centros urbanos.

V - Conclusão:

Tendo em vista as informações apresentadas, observamos que o mapeamento, a caracterização e diagnóstico da língua e, por fim, a sistematização dos dados em formulário específico foram devidamente executados de acordo com o disposto no Decreto nº 7.387/2010, que institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL).

Nesse sentido, face o preenchimento dos pré-requisitos para o pedido de inclusão de línguas e o reconhecimento como Referência Cultural Brasileira, além de considerável volume de informações complementares sobre a língua inventariada, consideramos que foram atendidas as especificações técnicas para a instrução do processo de inclusão da língua Karitiana no Inventário Nacional da Diversidade Linguística e posterior deliberação pela Comissão Técnica do INDL.

Considerando o estado de **potencial vulnerabilidade** devido à crescente migração dos jovens para os centros urbanos e à perda das tradições incentivadas por atuações missionárias, que resulta na ausência de transmissão dos usos especiais da língua, fatos apresentados pelo levantamento sociolinguístico realizado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e sintetizados neste parecer, bem como todo o processo relatado de violência, aculturação e ameaça ao qual esse povo foi e continua sendo submetido ao longo de sua história, recomendo fortemente a inclusão da Língua **Karitiana** no INDL.

A inclusão da língua no INDL servirá não somente para destacar a relevância da língua para a memória, a história e a identidade do povo Karitiana, mas também justificará a implementação de ações voltadas à salvaguarda da língua, conforme o Art. 5º do Decreto nº 7.387/2010, *“que as línguas inventariadas farão jus a ações de valorização e promoção por parte do poder público”*.

Sobre o campo das memórias sensíveis, ressalto o teor da Nota Técnica 8 DPGU/DNDH, de 14 de setembro de 2021 (SEI nº 3185403), elaborada pela Defensoria Nacional de Direitos Humanos da DPU, cuja defesa é a de dimensionamento do patrimônio linguístico ao mesmo campo do respeito aos Direitos Humanos e que sejam, dessa forma, estabelecidas políticas públicas de reparação à repressão linguística no Brasil.

Segue trecho desse documento que ao nosso juízo traz luz a esta questão:

Ainda que possamos contextualizar historicamente tais eventos, são evidentes os seus efeitos negativos e consequências restritivas sobre a vida atual e perspectivas futuras dessas comunidades, fato que fundamenta ações e políticas públicas para conscientização do direito humano à diversidade linguística e medidas compensatórias de reparação imaterial pelos danos identitários.

(...)

Além disso, a lei proíbia o uso da língua materna de cada nação indígena e da Língua Geral da Costa, obrigando o uso da língua portuguesa e a adoção, pelos indígenas, de sobrenomes portugueses.

(...)

Portanto, havia um propósito explícito de assimilação dessas populações, cujo resultado visado era o extermínio de seus valores e de suas línguas.

Para corroborar o senso de urgência relatado por esta DTDL, citamos aqui a necessária reflexão do linguista Aryon Dall'Igna Rodrigues sobre a situação das línguas indígenas brasileiras:

"A simples menção do número de 180 línguas indígenas existentes hoje no Brasil pode dar uma falsa ideia da realidade. Uma maior aproximação com esta realidade só pode ser obtida mediante consideração dos dados demográficos referentes a cada língua. Seria demasiado longo apresentar aqui em detalhe esses dados, por isso limito-me a agrupar as línguas dentro de certos limites demográficos, isto é, segundo o número de pessoas que as falam, e a mencionar o número de línguas em cada grupo. Há apenas uma língua com pouco mais de 30.000 falantes, duas entre 20.000 e 30.000, outras duas entre 10.000 e 20.000; três entre 5.000 e 10.000; 16 entre 1.000 e 5.000; 19 entre 500 e 1.000; 89 de 100 a 500 e 50 com menos de 100 falantes. A metade destas últimas, entretanto, tem menos de 20 falantes. Em resumo: das 180 línguas apenas 24, ou 13%, têm mais de 1000 falantes; 108 línguas, ou 60%, têm entre 100 e 1000 falantes; enquanto que 50 línguas, ou 27%, têm menos de 100 falantes e metade destas, ou 13%, têm menos de 50 falantes (Rodrigues1993c).

Em qualquer parte do mundo línguas com menos de 1000 falantes, que é a situação de 87% das línguas indígenas brasileiras, são consideradas línguas fortemente ameaçadas de extinção e necessitam, portanto, de pesquisa científica urgentíssima, assim como de fortes ações sociais de apoio a seus falantes, que como, comunidades humanas, estão igualmente ameaçados de extinção cultural e, em não poucos casos, de extinção física." (g.n.)

Fonte: RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. A originalidade das línguas indígenas brasileiras. Conferência proferida por ocasião da inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em 8 de julho de 1999. In. Relembrando. Revista Brasileira de Linguística Antropológica. Vol. 8, nº 2, Dezembro de 2016. Pág. 193.

Portanto, salvo melhor juízo, pelos motivos acima elencados somos favoráveis à inclusão da língua Karitiana no INDL por considerar que a documentação apresentada é suficiente para a identificação da língua.

Dessa forma, submeto o presente Parecer para consideração e envio às instâncias superiores que, por sua vez, farão ulterior submissão do pleito à Comissão

Daniel Ramos Araújo
Analista de Patrimônio e Cultura. Área 4.
Divisão Técnica de Diversidade Linguística – DTDL/CGIR/DPI

De acordo.

Marcus Vinícius Carvalho Garcia
Chefe da Divisão Técnica de Diversidade Linguística
DTDL/CGIR/DPI/IPHAN



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Ramos Araújo, Analista I**, em 17/12/2021, às 17:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcus Vinicius Carvalho Garcia, Chefe da Divisão Técnica da Diversidade Linguística**, em 17/12/2021, às 17:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://sei.iphan.gov.br/autenticidade>, informando o código verificador **3185428** e o código CRC **4584C5B9**.

Referência: Processo nº 01450.003440/2021-16

SEI nº 3185428